



CONFRA

CRÔNICAS DAS FESTAS DE FIM DE ANO

FRANCISCO SALES FILHO



CONFRA

CRÔNICAS DAS FESTAS DE FIM DE ANO



FRANCISCO SALES FILHO



*À minha tia Verônica.
Seu riso fácil e cuidados com a família
jamais serão esquecidos.*

ÍNDICE

1 - ENCONTRO ANUAL	5
2 - AMIGO OCULTO	11
3 - A DINÂMICA DA CONFRATERNIZAÇÃO	15
4 - FOCO NO PRESENTE	18
AUTOR	23

1

ENCONTRO ANUAL

Restaurante cheio. Do lado de fora o glamour reina. Pessoal dá a impressão de estar mais animado do que com fome. Menos eu. Sou claramente mais fome do que humor. Todos parecem que tiveram tempo de ir em casa tomar banho; mal tive tempo de lavar a cara; enxuguei o suor da testa com o guardanapo que sobrou do fastfood de ontem, que ainda estava na embalagem para viagem no banco de trás. Pareço ranzinza por causa do oco que devora meu estomago por dentro, mas feliz por reencontrar a galera no último encontro dos amigos do ano. Daqui a pouco tudo se ajeita e as risadas compensarão qualquer desconforto inicial.

Coube a mim a tarefa laboriosa de ser o primeiro a chegar e reservar os outros seis lugares, afinal, trabalho a cinco minutos do shopping. Nem perguntei, apenas me ofereci e ninguém contestou. E aqui estou, encarando fila para estacionar e fila para conseguir uma mesa. Enquanto os outros não chegam, eu convido você, leitor, a me fazer companhia nessa típica tentativa de ter uma noite agradável de reencontro com os amigos que você não vê com tanta frequência.

Perdi as contas de quantas vezes olhei para aquele aparelho quadrado que avisa quando há mesa disponível. Até mandei, men-

talmente, que ele tocasse; depois fiquei com vergonha de alguém ter me visto agir como se fosse um Jedi manipulando a força. Também cogitei ir à recepcionista e alegar mau funcionamento dessa caixinha que não vibra nunca, mas imagino que alguém já tentou isso e ouviu uma resposta convincente, daquelas que te deixam com cara de ameba. Ela deve ouvir esse tipo de migué o tempo todo já que ninguém quer esperar muito por uma mesa. Engraçado que todo mundo sabe como funcionam essas confraternizações de fim de ano, e mesmo assim achamos que será tudo muito tranquilo.

A fila de espera parecia infinita até aquele aparelhinho berrear e piscar; as mãos voam até o objeto como quem deseja calar um despertador no tapa. Logo aquele ser de luz, sorridente e prestativo chegará até aqui. Um anjo de coque e roupa preta, que indica a travessia pelas portas do paraíso. “Por aqui, senhor. Sua mesa está logo ali”. O paraíso aqui cheira a molho barbecue e carne bem passada. Sou acompanhado como se realmente fosse alguém especial. São trinta e cinco segundos de desfile real que fazem com que eu me sinta um bem-aventurado prestes a adentrar num glorioso palácio real de..., mas que inferno!

Bem mais cheio do que eu poderia imaginar. Ingenuidade minha achar que seria mais fácil porque cheguei mais cedo. É fim de ano e todo mundo pensa igual no fim de ano. Aquelas luzes quentes e quadros que mesclam fotos de cangurus com pôsteres de caras com bigodes exóticos tentam te convencer que aquele ambiente valeu toda a espera. Mas, minha cara derrete de calor.

Tudo é estiloso, realmente. Você sentiria no ar o bom gosto

do proprietário se não estivesse mais preocupado em apenas sentir o ar. Por algum motivo incerto, o ar condicionado que te recebe na entrada não tem continuidade no interior do local. Fora que, sem perceber, já estou em outra fila. Enormes mesas redondas tomam praticamente todo o espaço central, obrigando as pessoas a atravessarem por minúsculos corredores em fila indiana; e não adianta correr. A gordura acumulada no chão faria com que eu caísse se corresse. E seria uma queda sem precedentes; eu seria a atração do local, tal qual uma lontra tentando se reerguer no gelo (capaz de me jogarem um peixe), gesticulando como se estivesse em risco de afogamento no piso oleoso. Um vídeo rápido dessa cena bastaria para me levar à fama imediata na internet.

Não, não queremos isso. Existem outras formas de ser conhecido na internet.

Enfim, minha mesa. Sabe o tipo de foto que aquela blogueira sempre posta em restaurantes como esse? Aquela com a poltrona de couro em formato curvo por detrás, que deixa em segundo plano a parede com as bandeiras triangulares de times de futebol que você nunca ouviu falar? Então, não será dessa vez. Minha mesa é uma daquelas redondas, bem no meio do salão. É tão grande que terei que me comunicar por sinais se quiser falar com quem estiver à minha frente. Privacidade? Artigo de luxo. Há tanta movimentação em torno dela que, sem querer, você seria capaz de pedir um refil para seu amigo e desabafar sobre sua vida para o garçom.

Agora um pouco mais relaxado, cogito aproveitar o local. O tempo passa e nada de alguém aparecer. Um olhar de relance para

as outras mesas me faz perceber como todos ainda parecem mais animados do que famintos. Cruzo os dedos sobre a mesa e acompanho a música com os pés, mas não é suficiente. Cogito pegar o celular para reclamar da demora do povo, mas lembro que só tenho dez por cento de bateria. Precisaréi do telefone para registrar uma foto, já que no meu grupo todos tiram fotos, mas ninguém manda para mim no privado; só descobro que a foto em que saí mais troncho foi escolhida quando ela já tem quarenta curtidas.

Impressionante como os outros grupos parecem pontuais. O pessoal da poltrona acolchoada já fez duas selfies; gente que chegou depois de mim já foi servida enquanto aqui, meu maior avanço foi o garçom colocar um porta-copos na mesa. Aquele porta-copos, ali, perdido na imensidão redonda de madeira parece um meme de mim mesmo, sozinho, com fome e obrigado a guardar lugar.

Na tentativa de diminuir o tédio e amenizar a frustração, imagino coisas aleatórias, como o que aconteceria se aquele lugar fosse submerso por um maremoto. Todos desesperados, buscando um ponto de apoio, e eu o único a boiar sobre o tampão enorme da mesa redonda, como se fosse a Rose do Titanic. Um dos meus amigos pede ajuda para subir e eu peço para ele aguardar um pouco, igual eu fiquei esperando ele chegar.

Enfim, chega o primeiro amigo. Avisto de longe e reviso meu discurso sobre pontualidade. Preparo-me para disparar quando percebo que ele está de mãos dadas com uma loira. A mulher dele é morena; e ele não viria acompanhado. Não é ele.

A essa altura, dois refis já foram consumidos e minha bexiga dança lambada. Posso levantar e deixar a mesa vazia, correndo o risco de talvez perdê-la ou posso ficar e perder minha bexiga. Não me parecia uma decisão difícil; por outro lado, só de imaginar algum tipo um estresse por causa de mesa, nesse calor, consigo reunir forças e esperar mais um pouco. A esperança de que algum dos seis amigos passará pela porta nos próximos dois minutos permanece forte, afinal já estão bem atrasados. Consigo, inclusive, imaginar as desculpas de cada um para o horário de chegada.

Quando minha bexiga decide que não precisa mais de mim para tomar decisões, percebo que não há mais como evitar o conflito. Ainda espero uma família passar e se acomodar na mesa ao lado antes de dirigir-me ao banheiro. Quão grande é minha surpresa ao ver que lá também tem fila. Fico com aquela cara do emoji de tédio, respirando vagorosamente para não piorar tudo. Três pessoas na minha frente. Daí o inusitado; um fura-fila surge e conversa com o cara da frente. Impressionante. O cara furou a fila do banheiro! Que assunto tão importante era aquele que não poderia esperar o outro voltar? Vivi para ver alguém furando fila de banheiro!

Ao sair do banheiro, tudo está claro como o dia em minha mente. Nunca mais. Total falta de respeito. Vão precisar de mim ainda e ouvirão um caloroso não.

Saco o smartfone enquanto o garçom traz a conta. Respiro fundo e gravo um áudio que começa como quem está apenas chateado, mas em menos de dez segundos já estou quase gri-

tando e gesticulando, falando para nunca mais me ligarem. É o suficiente. Como o sinal é ruim lá dentro, assim que chegar ao estacionamento o áudio será enviado.

Já estou de pijama quando pego o telefone novamente para ver no que deu. Para minha surpresa, havia dezoito mensagens antes do meu áudio – o sinal era ruim mesmo lá dentro. A maioria perguntando por mim, preocupados com minha ausência.

Era em outro shopping. E lá estava ela, a selfie, com todos naquela poltrona de couro em formato curvo.

2

AMIGO OCULTO

No princípio era a reunião.

Antes dos grupos virtuais, havia a reunião. Nela, bolo e café regavam um caloroso momento tão necessário às festas de fim de ano: o sorteio do amigo oculto. Sim, antes de aplicativos que sorteiam e que já indicam o que o amigo quer ganhar, existia a reunião para “tirar” o amigo oculto. Nessa mesma reunião, definia-se o limite de valor para o presente e quem quisesse poderia já dar pistas do que desejava receber. Considerando a dificuldade de conseguir reunir muita gente uma próxima vez antes do natal, não era raro que nessa mesma reunião ficasse definido o que cada um levaria para a ceia. Pautas importantíssimas numa mesma reunião.

Na minha tradição familiar temos o chamado “amigo brega”, uma chance de tirar algo horrível que está na sua casa e presentear um familiar. Lembro-me de um tio meu que desde o dia em que abriu o papelzinho (com o nome da minha mãe), começou a juntar unhas dos pés em um pacotinho para presenteá-la. Sim, lá não era para amadores.

Particularmente, eu gosto das ameaças. Porque há certas afirmações que, para mim, soam como ameaças. Por exemplo,

quando alguém diz que vai dar um presente que é a cara da pessoa que ela tirou. Isso me assusta muito. Fico imaginando o que pode ser tão a minha cara que alguém já saiba, na reunião do sorteio, o que comprar. Normalmente é algo que, na visão da pessoa, lembra muito quem será presenteado; quem ganha o presente nem sempre concorda.

Quando o amigo oculto é do pessoal da empresa, existem algumas diferenças. Ao invés de definirem que prato levar, escolhe-se um restaurante; normalmente aquele que ninguém costuma ir durante o ano. Um engraçadinho sugere o quiosque da marmita e evidentemente os que anseiam por um almoço pago pelo chefe querem matá-lo. A reunião para o sorteio recebe o nome de happy hour e ganha uma enorme proporção desde sua concepção. Depois de uma hora no barzinho, ninguém naquela extensa fileira de mesas lembrava mais de picotar papeizinhos com nomes. Parecia nem fazer sentido toda aquela gente reunida para falar de sorteio. Ria-se alto, falavam dos vacilos ocorridos na auditoria e da diretora que se aposentaria antes do natal; dependendo de quem assumisse o cargo, algum setor seria privilegiado. Todos os assuntos eram mais importantes do que sortear amigo oculto.

Todo problema dessa reunião, independentemente de ser da família, com os amigos ou colegas de trabalho, pode ser fixado em uma única situação; não se pode errar com os nomes nos papeizinhos dobrados. Erre com a ceia, mas não com os nomes do sorteio. Traga geleia de mocotó ao invés de pudim, mas não escreva um nome que a pessoa não consiga ler e tenha que pedir ajuda; não se

esqueça de colocar sobrenomes ou apelidos para quem tem nome igual e, principalmente, não coloque nome de quem não quis participar. No entanto, quando a pessoa responsável esquece seus óculos e sua memória já não ajuda tanto, os problemas surgem na mesma velocidade com que o cafezinho da dona Margarete esfria. Sim, ela esquece seu café por tanto tempo que quando lembra, até o calor desistiu dela.

Naquele ano, e aqui os nomes estão alterados para evitar algum constrangimento (apesar de duvidar que a “Margarete” real vá ler isso aqui), além de repetir o nome da Dalva e esquecer-se de colocar os sobrenomes dos dois Leandros, o do atendimento e o da manutenção, Margarete ainda colocou o Nonato, que diante de vários pedidos insistentes, manteve-se irreversível em seu desejo de não participar.

Curiosamente, ninguém exigiu uma recontagem. Todos confirmaram que não tinham retirado seu próprio nome no papelzinho dobrado e isso, por si só, já validava o sorteio. Bem, não validava, mas ninguém estava tão interessando assim para questionar. Depois de colocado no bolso e esquecido, aquele papelzinho se tornaria um memorial, quase um documento autenticado pelo testemunho de todos os presentes. Isso significa que ninguém poderia, no dia seguinte, alegar que precisava trocar sem ser acusado de não gostar da pessoa que tirou.

O fato é que uma pausa nas rotinas dos funcionários para juntar tanta gente assim já era quase a reunião de fim de ano. Foi aí que alguém propôs revelar os nomes ali mesmo, provei-

tando, assim, o ensejo. O presente viria depois; por hora, era a animação do sorteio e o abraço que trariam significado. Baita papo de bêbado, claro. Alguém que não tomou três canecas de chopp jamais sugeriria isso. Se existisse um órgão fiscalizador de amigo oculto, no momento dessa ideia o alarme soaria apontando perigo nível quatro.

O resultado foi que a Dalva ganhou dois presentes; um deles era tão personalizado que não tinha nem como a pessoa que comprou ficar com ele. A pessoa que tirou um dos Leandros descobriu só na confraternização que havia outro Leandro na empresa; mais de ano passando pelo Chaguinha sem saber que o cara se chama Leandro Chagas. E o Nonato, que não queria participar, ganharia uma sanduicheira, que acabou ficando na empresa. Até onde sei, ainda se referem a ela como a sanduicheira do Nonato.

3

A DINÂMICA DA CONFRATERNIZAÇÃO

Ao que parece, para tudo que se pense fazer em termos de confraternização existe um código de etiqueta. Quem tenta organizar uma simples reunião anual com amigos ou colegas de trabalho pode deparar-se com um fiscal de etiqueta que não aceitará nada fora das normas.

O fiscal é aquele que diz: “Acho que deveríamos consultar as outras pessoas. É importante que todos sejam ouvidos sobre o local a ser escolhido”. É que às vezes ele esquece que aquela “comissão de festas” foi montada justamente porque ninguém quer ter que se ocupar em votação para escolher lugar.

Mas não encare o fiscal como alguém ruim. É trabalho dele prever problemas. Imagine descobrir que a comida do restaurante não é boa só na primeira grafada; quão frustrante é festa de fim de ano sem comida boa? Uma reportagem sobre uma famosa festa de réveillon aqui em Brasília mostrava a frustração dos participantes por ter pagado mais de mil reais para descobrirem que não tinha comida para todo mundo. Uma pessoa, irritada, reclamava na rede social que o feijão estava queimado. Eu não sei se fiquei mais chocado com a falta de comida ou por saber que alguém pagou mais de mil reais para virar o ano comendo feijão.

Seja qual for o caso, ninguém precisa de uma festa ruim no fim do

ano. Por isso algumas regras não podem ser ignoradas. Para não correr o risco de esbarrar em algum clichê desnecessário (sim, existem clichês necessários) e transformar a confraternização numa chatice sem tamanho, separei quatro regras da mais alta importância. Aquelas que considero primordiais para o exercício da liberdade sem transformar tudo em fuleiragem. Esqueça os números da loteria. Se o seu “eu” do futuro voltasse no tempo para te oferecer conselhos, você desejaria que fossem essas dicas.

A primeira delas é que o amigo oculto funciona durante o almoço na churrascaria, desde que ninguém se exceda em sua fala. O garçom que traz o coração parecerá um sem coração, por interromper a todo instante a fala de alguém. Fora isso, existem os aniversários sendo comemorados o tempo todo. Se você preparou um belo discurso, correrá o risco de ser interrompido pela mesa ao lado, com setenta pessoas cantando parabéns.

Outra regra importante é a seguridade individual. Se você deseja exorcizar toda raiva que teve durante o ano comendo todo o buffet, leve um antiácido no bolso. É uma medida de segurança para não atrapalhar a festa de outra pessoa dizendo que não consegue dirigir ou que precisa ir para o hospital. Às vezes, ir ao banheiro resolve o que se achou que resolveria indo ao hospital.

Se a confrira for em salão de festas, certifique-se que o show de mágica acontecerá antes da bebida ser liberada. Há sempre alguém certo de que a função do telespectador é descobrir como a mágica é feita. Imagine esta pessoa bêbada. Ele ou ela vai insistir em contar em voz alta o segredo. E caso o tagarela erre, dirá que o truque é que está errado, porque na época dele os mágicos de verdade andavam com duas pombas no bolso.

E a última e mais importante regra: não transforme a confraterni-

zação em dinâmica de treinamento em grupo. Aqueles que passaram o ano inteiro encontrando alguns apenas no elevador não devem achar uma boa ideia tornarem-se íntimos numa dinâmica em grupo que só atrasa a comida e faz o cônjuge ficar constrangido no meio de doidos.

Você não percebe o constrangimento geral porque está focado em descobrir como se esconderá até as brincadeiras acabarem. Não fosse isso, captaria como algumas pessoas levantam-se e saem falando ao telefone ou procurando alguma coisa importante nos bolsos e só voltam quando a pista de dança é liberada.

Percebendo a resistência das pessoas ao se falar em dinâmica em grupo, a pessoa que deu a ideia quase salta para sustentar sua defesa. “Vai ser legal, gente, é pra quebrar o gelo”. O problema dessa expressão é que gelo só é quebrado à base de pancada. As dinâmicas para quebrar gelo são as mesmas que criam o ódio. Trocar pessoas de lugar à força, insistir para alguém ir ao meio ou ao palco, passar vergonha na frente do cônjuge são verdadeiras formas de se quebrar gelo até que vire água... e escorra tudo pelo ralo.

Não seria honesto da minha parte abordar essas regras, que fazem a confraternização parecer horrível, e não salientar que existem coisas ótimas que só acontecem nestas festas. Por exemplo, você descobre quem dança mal. Poucos takes gravados do seu próprio celular e você renova seu estoque de gifs, memes e figurinhas até a próxima confraternização.

4

FOCO NO PRESENTE

Encarar shopping depois do dia vinte de dezembro é saber que tudo o que pode acontecer, vai acontecer. No filme *Interstellar*, do Christopher Nolan, a filha do protagonista se chama Murphy; o irmão de Murphy, Tom, tira sarro dela quando um pneu fura, dizendo que isso aconteceu por causa da lei de Murphy. Indignada com isso, ela pergunta a seu pai porque eles (pai e mãe) escolheram um nome ruim para ela. Cooper, o pai, explica que a lei de Murphy não significa que coisas ruins acontecem, mas que tudo o que pode acontecer, vai acontecer.

Se você decide pisar em um shopping nessa época, precisa estar ciente de que forças fora da sua compreensão trabalham nesse período com intensidade suficiente para te virar do avesso. Estar preparado para o pior é sempre o melhor. Digo por experiência própria, afinal o cenário possui leves contornos que se alteram de ano em ano, mas, no geral, as coisas acontecem da mesma forma. E pasme, eu quase sempre desconsidero os perigos e sou surpreendido. Mas não esse ano. Dessa vez, passarei ileso; focado no presente que preciso comprar, nada vai roubar minha paz nem meu dinheiro – assim espero.

A três metros da porta ainda cogito voltar para o carro, embora saiba que não há mais como retroceder. Sou o único com tempo para realizar a

missão. Respire fundo, soldado. A porta se abre e percebo que aquele “é um pequeno passo para um homem, mas um grande...” e não há tempo nem de completar o pensamento; sou praticamente empurrado pelo fluxo. Acelero após sentir sacolas baterem na minha panturrilha por duas vezes. Alguém atrás de mim está com pressa. Quando alguém cheio de sacolas está entrando ao invés de saindo, você se lembra de que forças fora da sua compreensão operam nessa época. Quase esqueci meu juramento de passar ileso por aqui; foi por pouco. Isso me faz pensar em empatia. Não que eu esteja esperando por isso hoje, estou preparado para o pior. É que há pessoas aqui que, assim como eu, também não queriam gastar toda essa energia num shopping, mas provavelmente não tiveram escolha. Por outro lado, vejo gente feliz demais para quem veio comprar um presente que faltou.

As filas estão enormes. Já estava com pena de quem teria que enfrentar uma delas, quando percebi que eu seria uma dessas pessoas. É horrível quando você passa pelo fim da fila sem saber, achando que o final dela é logo à frente, daí alguém te aponta o fim, e você se apressa porque vê mais gente indo para lá. Escrevo uma mensagem para minha esposa, cogitando escolher outro presente, que poupasse tempo naquela fila. Apaguei antes de mandar. Prometi diante de um “você tem certeza?” que faria isso por ela. Um casamento duradouro é formado por uma pessoa que pede um favor e por outra que é o marido. Brincadeiras a parte, sou solidário à luta feminina para que uma festa como a de natal aconteça. Quando faltam apenas duas horas para meia-noite, e todos estão falando em comer, sua mãe, sua esposa ou aquela tia que cozinha divinamente, ainda está de avental. Fora decoração, fora os filhos, fora a maquiagem... tudo reflete no cansaço delas na hora em que todos estão se divertindo. Tudo o que eu precisava fazer era comprar um presente que faltou e não faltar com minha palavra.

Crianças são puxadas com malabarismo que põe as leis da física em cheque. Além de segurar sacolas e mãozinhas miúdas, alguns ainda carregam seus pets. Deu para ver o nervosismo do cachorrinho, tentando não se assustar com os adolescentes gritando perto dele. Sensibilizo-me com cachorrinho; também me assusto com adolescentes.

Depois de quase duas horas, entre a escolha do produto e a fila para pagar, finalmente consigo comprar o que preciso. É curioso como seu preparo para o pior tende a te mostrar o lado bom das coisas. Nunca fui um pessimista de carteirinha; todas as vezes em que me propus a esperar o pior, sempre foi pensando como seria bom se esse pior não acontecesse. E agora, depois de perceber que ainda me resta algum tempo livre, sou tomado pela vontade de continuar por aqui. Dizer que tudo aqui passou a ficar lindo em meu imaginário é certo exagero, ainda que me pareça tudo mais reluzente. Quase consigo entender a felicidade de quem está aqui porque quis estar. É quando percebo que se aquele diabinho que sussurra no seu ouvido não consegue te deixar com raiva, ele se faz de anjo para te tentar de outra forma. Definitivamente, não é hora de baixar a guarda; em alguma olhadinha por aí posso acabar descobrindo algo que eu ainda não sei que preciso, e pior, ser convencido de que necessito daquilo com urgência.

Meus pensamentos são interrompidos por um cheiro de capuchino que quase me arrasta à cafeteria. Com o olfato comprometido, sou um soldado que já não pode confiar nos próprios sentidos. Percebi que estava com fome depois de sentir aquele cheiro bom. Será que estava com fome mesmo? Tudo ali é meticulosamente planejado para minha distração. Não para entreter apenas, mas para distrair. Distraído, sou alvo fácil do consumismo. Mesmo assim, alguns minutos sentado já eram necessários.

Toda aquela movimentação faz você pensar muito sobre a quantidade de gente que existe, que não te conhecem, que você não faz a menor ideia de quem são ou como que está a vida delas. A maioria daqueles rostos nunca cruzará com o meu novamente. São tantas pessoas passando pelos mesmos momentos, sentindo dores ou fugindo delas. Buscando algum conforto nas compras ou apenas seguindo protocolos das festas de fim de ano. Por mais que exista algo bom ou puramente nostálgico em shoppings no fim de ano, no fundo a gente sabe que isso não representa nem um por cento da realidade das pessoas. A vida de verdade acontece quando o shopping fecha, quando a gente volta para casa e tem que lidar com faltas ou dissabores. Eu fico aqui, com pensamento longe, imaginando que esse lugar não proporciona alegria real, mas quebra um galho. Porém, cada um que passou por aqui hoje, terá que lidar com a natureza de suas lutas amanhã. No dia vinte e seis de dezembro, a realidade baterá à porta novamente.

Foi quando avistei o que não dava para ser avistado. Um acontecimento tão invisível quanto simplório, que de tão comum, era imperceptível aos olhos dos apressados, dos entretidos e dos distraídos. Eu vi uma família confraternizando. Estavam bem na minha frente, e mesmo com os olhos na direção deles, enquanto eu pensava, eu não os percebi antes. Não sei há quanto tempo estavam ali, invisíveis, cercados pelo mar de gente que transitava por eles sem descanso. Mas aqueles sorrisos, aquela empolgação da garotinha com seu sorvete e do garotinho com seu brinquedo, aquilo era alegria em configuração pura. Aqueles quatro ali, conversando entre si, sem prestar atenção em mais nada que acontecia ao redor, era como um oásis para mim. Quando olhei para o pai, com seus cotovelos sobre a mesa e mãos juntas na altura do queixo, reconheci de imediato sua expressão. Nem imagino o que eles estejam passando em suas vidas, mas eu sei que expressão é

aquela. O trabalho dos pais é constantemente produzir memórias nos filhos. Aquele pai talvez estivesse comemorando seu emprego depois de alguns meses sem trabalhar; ou talvez tenha trabalhado arduamente durante todo esse ano e tinha seu coroamento na satisfação de poder proporcionar um momento para seus filhos. Era o guerreiro em estado pleno, apreciando sua conquista, saboreando sua vitória. O prêmio estava diante dele, e seus filhos jamais esqueceriam daquilo. Corrijo-me antes de encerrar este relato. Errei apenas numa coisa. Não estavam invisíveis; tudo ao seu redor é que se diluía a ponto de ser mais do mesmo.

Por um instante eu entendi. A alegria se encontra com aqueles que reconhecem o agora. Há coisas em abundância dignas de serem comemoradas se nossos olhos estiverem atentos ao presente. Pode parecer loucura, mas em meu imaginário, aquela cena me remetia ao presépio, lugar onde a vida de verdade acontecia, muito embora tudo a sua volta sequer soubesse disso.





O AUTOR

Cristão convicto de sua pequenez. Marido convicto de que a louça suja nunca acabará. Pai de três e convicto de que o amor é o grande legado de uma família.

É apaixonado por histórias fantásticas tanto quanto por histórias reais quando ambas apresentam por elementos comuns a esperança, o impossível e a superação.

Torce pelo Flamengo e ama os anos 1980/90. Acredita que um bom café amargo adoça qualquer manhã e luta para tomar menos do que oito xícaras por dia.

É formado em Letras e pós-graduado em Leitura e Produção Textual e Filosofia. Trabalha com audiovisual há mais de uma década. Arrisca-se com a teologia, flerta com a filosofia e acha a psicologia um bom partido.

Para mais informações acesse:

www.franciscosalesfilho.com



Ilustração: Rebeca - 10 anos (2018)



CONHEÇA TAMBÉM

"O desconforto é instrumento
que fortalece a musculatura
da alma."



REFLEXÕES DE ESPERANÇA PARA TEMPOS DE SOFRIMENTO

Este livro é uma singela contribuição em termos de acalento. Anseio que ao menos uma das quarenta reflexões propostas possa lançar luz em áreas da sua vida que porventura estejam em penumbra; como um barquinho de pesca que recupera um sobrevivente à deriva. No meio do oceano, em pleno mar agitado da noite, um barquinho pode fazer pouca coisa além de resistir. Quando a agitação passar e o dia amanhecer, perceberemos que resistir era a única coisa que precisávamos fazer. Todo o mais está e sempre esteve sob controle daquele que não conhece a derrota.

DISPONÍVEL NA
amazon.com
Livro digital

www.franciscosalesfilho.com